

O culto a Wagner

Wagner-Kultus

Sidnei de Oliveira¹

1 Doutor em filosofia (Unicamp) com estágio de pesquisa no exterior (Universität Leipzig). Atualmente é doutorando em música pela UNESP, Brasil.
E-mail: violaoliveira@yahoo.com.br

Apresentação

Quanto ao processo de tradução de um texto, neste caso traduzido do alemão para o português, é importante ressaltar o conhecimento do tema abordado, bem como a figura do autor e a teoria ou o pensamento desenvolvido para a sua época, uma vez que muitos vocábulos utilizados em uma determinada língua não possuem tradução real sobre o seu significado na língua portuguesa. Logo, o tradutor tem como artifícios a seu favor no trabalho de tradução, não apenas o conhecimento da língua, mas a importância que o autor e sua obra teve na época que foi redigido o texto ou postumamente. Algumas palavras deixam de ser utilizadas ou substituídas por outras com o decorrer de anos, décadas e séculos. Isso é perceptível, por exemplo, quando nos deparamos com textos antigos, no caso de Hanslick, importante escritor e crítico de estética pertencente ao século XIX. As alterações não são apenas por questões de revisões ortográficas, mas também por tópicos relacionados à própria cultura que a língua amalgama conforme a prática e a vivência do cotidiano dessa mesma cultura. Outro exemplo para melhor compreensão se dá em pensamentos e teorias filosóficas, a saber, termos específicos de uma determinada filosofia, pois um mesmo vocábulo possui outro conceito quando é desenvolvido em uma concepção filosófica e teoria discrepante de um pensador para outro pensador. Estes são apenas alguns dos impasses que o tradutor convive durante o trabalho de tradução.

O que chama atenção neste pequeno texto não são apenas as críticas que Hanslick direciona a obra de Wagner, que são poucas, mas também as atitudes que o compositor teve com sua revista intitulada *Revista Bayreuth*, isto é, uma revista criada pela associação wagneriana para divulgar a arte e principalmente o trabalho de Richard Wagner. Quando o compositor começou a utilizar este meio de divulgação para se posicionar perante algumas posições políticas e ideológicas, foi que Hanslick iniciou sua crítica diretamente ao artista e não a sua arte.

Temas particularmente atuais em discussão para o século XXI no Brasil como, vegetarianismo, a não utilização de animais para experimentos medicinais, temas ideológicos na formação da civilização em diversos meios, o culto doentio direcionado a artistas, entre outros, estavam sendo discutidos da metade para o final do século XIX na Alemanha. Wagner assumiu partido a favor da dieta vegetariana e contra os experimentos com animais. Até aí, para Hanslick poderia ser uma posição normal de qualquer indivíduo, mas sabemos que não; a crítica de Hanslick vai além da atitude de Wagner em publicar suas ideias particulares em uma revista designada à arte. Para o crítico, as posições de Wagner foram introjetadas, ou seja, absorvidas principalmente por sua leitura da filosofia de Arthur Schopenhauer. Com isso, é interessante saber que o filósofo discorreu sobre alguns destes mesmos temas em sua filosofia. Sobre o assunto referente aos animais, entre várias citações, para aproximar do texto traduzido, é possível mencionar: “A pretensa falta do direito dos animais, a ilusão de que o nosso procedimento era contra ela sem significado moral, ou, como é chamado

na linguagem moral, que não há obrigação com animais, é na verdade, uma vulgaridade chocante e barbárie do ocidente (Schopenhauer, 1962, p.773). Em outro momento, mas sobre o mesmo conteúdo: “Compaixão com os animais depende tão precisamente em conjunto com a bondade de caráter, que se pode afirmar com confiança, quem é cruel com os animais não pode ser um bom homem” (idem, p.777).

Outro nome não menos importante que sempre lembramos quando discorremos sobre Richard Wagner é Nietzsche. Filósofo que conviveu boa parte de sua vida com o compositor também tinha suas críticas sobre a obra de Wagner, sobre o festival de Bayreuth e entre outras coisas, sobre o vegetarianismo. Um início de amizade, pelo menos por parte de Nietzsche, quase como aluno e mestre, pois o filósofo considerava Wagner um compositor capaz de reformular a arte alemã, principalmente através da sua *Gesamtkunstwerk* (obra de arte total). Mas com o passar dos anos e de intensa troca de informações, cartas e livros, este pensamento foi cada vez mais distanciando de sua origem. Este é um tema bastante conhecido no meio de pesquisadores, tanto na filosofia como em algumas áreas da música quando falamos de Wagner e Nietzsche. Mas deixando de lado estas vicissitudes truncadas entre o compositor e o filósofo, vamos observar a crítica nietzschiana sobre o vegetarianismo. É possível constatar que são quase as mesmas palavras que Hanslick utilizou para sua análise contra Wagner. Porém, Nietzsche (1980, p.378) foi mais severo em sua posição com a dieta vegetariana:

Tal sentimento de inibição¹ pode ser de origem mais diversa: algo como resultado do cruzamento de raças estranhas (ou de classes – classes também expressam sempre diferenças de origens e de raças: A “dor do mundo” do europeu, o pessimismo do século XIX, são essencialmente os resultados de uma repentina mistura de classes absurdas); ou condicionada através de uma imigração com defeitos – uma raça que chega para sua forte adaptação não basta (o caso do indiano na Índia); ou a consequência da velhice e cansaço da raça (o pessimismo parisiense de 1850); ou uma dieta errada (o alcoolismo da idade média; o absurdo dos vegetarianos, que, com toda certeza, tem a autoridade do *Junker*² Christoph em Shakespeare por si); ou a degeneração do sangue, malária, sífilis e afins (depressão alemã depois da guerra dos trinta anos, que radiografou metade da Alemanha com doenças ruins e com isso a servilidade do solo alemão preparou a pusilanimidade alemã)

Em outra passagem de Nietzsche (1980, p.675):

O que os *jovens* disseram a respeito, que wagnerianos prestam homenagem geralmente à música ruim. (Um dos melhores até me disse uma vez francamente, “eu não entendo absolutamente nada de música, mas Wagner associou tudo de melhor o que ele dá hoje – ele é antissemita, vegetariano e abomina a Vivisektion³”)

Mas, se averiguarmos por outro viés, podemos fazer a seguinte pergunta: Por que Hanslick se mostrou tão incomodado com a posição de Wagner, a saber, com a utilização da Revista Bayreuth para impor seus ideais políticos e pessoais quando os mesmos não estavam relacionados à arte? É interessante saber que a posição apresentada por Hanslick no texto, por mais que ele demonstre sua “indignação” por uma revista que deveria segundo ele publicar apenas artigos e ensaios voltados à arte, mais precisamente sobre música,

¹ Este sentimento de inibição que Nietzsche chama de *sentimento de inibição fisiológica* está relacionado à religião. Pois para o filósofo todas as religiões combatem uma epidemia do cansaço. Seria a necessidade de buscar por respostas no campo psicológico-moral. (N.T.)

² Jovem fidalgo, nobre proprietário de terras, proprietário aristocrático de bens.

³ Vivisektion - Expressão utilizada para designar a intervenção em animais vivos para fins de investigação. (N.T.)

quando lemos seu breve artigo não parece ser a questão mais relevante. Para um crítico de arte, bastaria à crítica sobre a arte não publicada, mas não foi o suficiente, ele precisou se mostrar contra o vegetarianismo, contra Schopenhauer e acima de tudo, contra os wagnerianos.

Tradução

Eduard Hanslick

A veneração que manifestamos a um famoso contemporâneo pode ser obtida – por completo ou em partes – e, no entanto, através de seu excesso em forma e conteúdo desafia o protesto/reação. Este é o caso com o culto a Richard Wagner em nossos dias. Este culto, sem precedentes na história de todas as artes, parece-nos um sinal tão estranho do tempo, que mais de perto, merece uma observação imparcial. Deixamos aqui o jogo artístico de Wagner fazer efeito, seus méritos completamente intocáveis, somente considerando o comportamento de seus seguidores, e isso apenas na medida em que está em evidência literária. A melhor decisão para isso é o documento público mensal escrito sem nenhum questionamento que Wagner pessoalmente redige, e, com a colaboração de H. Wolzogen edita e forma todo o órgão oficial da associação Wagner: A “Revista Bayreuth”. Eles estão agora no seu quinto ano. Para um momento posterior, que, sobre a epidemia de Wagner em nossos dias com juízo sereno, vai realmente olhar para trás com um incrédulo espanto, a “Revista Bayreuth” terá uma pequena importância histórico cultural. O músico encontrará nisso apenas o extremamente pobre e uma repreensão duvidosa; a “Revista Bayreuth” cuida de tudo como na arte musical de Wagner. O futuro da história cultural alemã, por outro lado, será capaz de uma representação autêntica a partir destes cinco anos dessa revista, como um delírio alcoólico da fumaça de Wagner que nos enfureceu e deixou para trás o “culto”, o excesso no pensamento e no sentimento.

A distinção do culto a Wagner frente à veneração, que a um Mozart, Beethoven, Weber foi prestado, não é apenas o aumento da temperatura de um ponto de ebulição, mas essencialmente em sua excepcionalidade, em todas as áreas de forma moderna e de posse ao conteúdo. O que Mozart ou Beethoven à parte e independente de suas carreiras artísticas nutriram por pontos de vista, paixões e manias, preocupou-se mais tarde com isso o biógrafo. Tal opinião privada não musical de um compositor com verdades infalíveis recebidas e juradas, nunca é lembrada por um beethoveniano ou um mozartiano. De outro modo com Richard Wagner. Seus seguidores uniram uma corrente da “Associação Wagner”, como se sabe, para organizar uma grande comunidade, Wagner não é apenas um excelente mestre do som, mas “o mestre” verdadeiramente, a mais alta autoridade em todo o campo do saber, um professor e redentor da humanidade. Cada palavra dele caiu sobre política, filosofia, costumes ou religião, válido para um novo grande ato, para uma revelação, como um mandamento religioso que devesse ser cumprido. Isso é a partir do quinto volume da “Revista Bayreuth” que estudamos com esforço doloroso para provar literalmente. A principal revelação desse wagnerismo, que depois da oração de seus seguidores foi interpretada, refere-se: primeiro a *filosofia schopenhaueriana* e sua ligação profunda com a ópera de Wagner, segundo a religiosa, social e política *regeneração da raça humana* e dessa salvação da nossa cultura vil, terceiro a agitação contra o estudo da medicina indispensável com animais – *Vivisektion*; quarto e particularmente divertido, a propaganda para o cardápio *vegetariano*. Ora, certamente, são apenas coisas que com a arte dramática e musical, no mínimo não tem de ser criado. Como Wagner pessoalmente se portou com eles, é para seu significado artístico e o mundo musical absolutamente indiferente. Mas a singularidade de cada curiosidade inacreditável chamada culto a Wagner é, como já dito, que o “mestre” é em *todas* as coisas competente. O autêntico wagneriano não deve somente e incondicionalmente idolatria a cada verso e compasso, ele deve também ser um pessimista schopenhaueriano, inimigo

da Vivisektion, inimigo dos judeus, vegetariano, um cristão crente e, além disso, o que mais o “mestre” prescrever.

A vertigem presunçosa do wagneriano com Schopenhauer, cujo entendimento acredita arrendar por si só, eu já iluminei (ocasionalmente o “Nibelungo”) mais de perto, podendo muito bem se referir ao antigo ensaio (“Estações de Música, 1880, S. 528). Ali, francamente o meu desejo pode finalmente nos poupar da suposta reflexão do uso da categoria schopenhaueriana e a terminologia da ópera wagneriana que não é realizada. O jovem senhor da “Revista Bayreuth” lança consigo, cada ocasião com Schopenhauer ao redor, como se fosse ficar grisalho nos estudos filosóficos. “Parsifal”, ele escreve bem, “Parsifal” há todos os detalhes despidos, metafísica e ética schopenhaueriana no núcleo novamente. Wagner em “Parsifal” *implantou somente a arte de Schopenhauer* quando ele aplica o cristianismo na arte. Que absurdo! Porque formou ou quer formar a “compaixão” o principal motivo em “Parsifal” e Schopenhauer louvou a compaixão como a “base de toda filantropia autêntica”, Wagner deve ser a consagração dos festivais aquilo o que não implantou na música de Schopenhauer. Isto apenas se quisessem nos convencer por convencer que a compaixão foi com outros infelizes uma invenção de Schopenhauer e antes disso, desconhecida. Um drama da compaixão poderia e pode ser escrito por quem nunca leu uma linha de Schopenhauer, assim como Shakespeare escreveu em seu “Tímon de Atenas”, sem primeiro ter lido o pessimismo de Schopenhauer. De passagem, faço uma observação, Schopenhauer não tem o cristianismo, mas o budismo nomeado como “a doutrina da nossa religião de todos os santos” e comprou-se a imagem do Buda, como outra se compra uma cabeça de Cristo.

Se o senso comum nos diz que não se refaz sobre a filosofia e o sistema filosófico um conselho de compositor de ópera, também nos ensina que sobre a necessidade e o dispensável da *Vivisektion* tem um juízo científico para a finalidade médica, uma autoridade psicológica e patológica, mas não o músico. Todavia, com os wagnerianos isso não é válido. O “mestre” amaldiçoou sem rodeios a Vivisektion e imediatamente passa a “Revista Bayreuth”, cuja tarefa, realizar um trabalho anteriormente como estudo de arte, com artigo que – sempre em linguagem pretenciosa – a Vivisektion como condenação frívola e cruel contra os animais e entre outras coisas, culpa fortemente o governo alemão, porque ele ignorou para a ordem do dia a petição anti-vivisektion. “Nós temos realmente uma cultura alemã? Nós temos crença?” Encerrou pateticamente um desses manifestos infantis. Se nós dirigirmos contra toda essa declamação diletante de um único professor, Billroth, que tem consciência de operações difíceis e perigosas através de vidas humanas salvas, nunca arriscaria expor, ele não teria convencido anteriormente com suas possibilidades através de pesquisas em animais – então ele provavelmente irá corresponder para cada insight. Mas o verdadeiro wagneriano renuncia o próprio pensamento, ele traz para o “mestre” subordinadamente outra vítima também para o sacrifício intelectual⁴. Com essa meiguice estimada para o mundo animal, pendurou – pelo menos em partes – outra paixão privada de Richard Wagner em conjunto: sua propaganda para a *comida vegetariana*. É um pecado matar um animal. Além disso, a dieta da carne, a raça humana arruinou fisicamente e moralmente. “A ideia de carnívoro é a culpa de toda a miséria no mundo”, é o nome na “Revista Bayreuth” (1882) o mesmo que falar de uma *mundividência* vegetariana. Ternura contra os animais, até um aumento para o sentimentalismo, nós achamos, como se sabe, geralmente com as pessoas, que de maneira nenhuma se distingue exagerado com a filantropia. Sabemos como Robespierre cultivava seus pombos. Wagner também esclareceu exclusivamente o plantio de alimento como indispensável para a reorganização da humanidade, e vê aí! – o vegetal ser um artigo de fé e questão de festa no wagnerismo. Há algo estranho sob os anúncios públicos de

⁴ O autor utiliza o termo “Sacrificium intellectus” para designar um exemplo de fiel obediência católica, ou seja, desistindo de suas próprias convicções. (N.T.)

“Parsifal”, indicar na chamada da redação as opiniões de seus camaradas, registrarem o tempo para a “mesa vegetariana” em Bayreuth? É uma ingenuidade encantadora no modo de como a “Revista Bayreuth” representa a relação do plantio de alimento com o culto a Wagner. “O pensamento do vegetarianismo” escreve nossa horta, o amor cambaleando em volta do cavaleiro, “da profunda ética religiosa o nosso campo de trabalho, salientou o genial⁵ (a saber, Wagner), tem ao mesmo tempo sobre o mais vasto círculo de terra que se estende os primeiros homens cautelosos (os *vegetarianos*) a nós aproximados. Eles trazem a nós a suavidade dos sentimentos deles, a sua obra de arte necessitou para ser interpretada e ser concebida a autêntica compreensão da alma humana. Nós, por outro lado, temos o próprio esforço deles, um maravilhoso afluente revigorante do eterno na fonte *ideal* fornecida”. Portanto, uma aliança formal entre os herbívoros e os wagnerianos! Sua ajuda nos faz uma propaganda para Wagner, nós queremos contra isso agitar o vosso verde⁶. Não pode confiar em seus olhos quando se lê tais palhaçadas, proclamaria seriamente para toda a honra solene do “mestre”. E, infelizmente com seu conhecimento e aprovação. Para o descanso abundante dos admiradores de Wagner, pouquíssimo permaneceram ajuizados no gênero alimentício, relatamos a propósito, de fontes seguras que Wagner amaldiçoou apenas teoricamente a dieta da carne, mas deixou-se provar do seu primoroso assado e, como um vegetariano inoportuno, também de um vinho. Não duvidamos disso nem por um momento. Um “Tannhäuser” não se compõe com leite coalhado e feijões, nem sequer por crentes Cavaleiros do Graal. Teoria e prática, doutrina e exemplo, como se sabe, seguem com Wagner próximo ou separado depois da necessidade. A maioria dos seus seguidores em Bayreuth manteve-se reunido por amor aos exemplos como doutrina e, o “almoço vegetariano” terminou igualmente triste como em 28 de Julho; a reunião solene do “Patrono de Bayreuth” para os cumprimentos de uma instituição, “que bolsas de estudos de indigentes, deveriam ser pagas pelos visitantes dignos do festival”. Este pensamento tinha animado Richard Wagner e autorizado o projeto do estatuto de uma nova instituição, que “deve alcançar o entender sensato, que agora a ridícula assistência da bolsa de viagem coroa o preço do compositor similarmente contra o compromisso, em Roma ou Paris os altos estudos concluídos provocam distração”. Depois dessa “nobre” e evidente iniciativa que o “nobre” mestre – a ortografia da “Revista Bayreuth” – colocará uma soma significativa e espetacular no fundador da nova bolsa de estudos. Aí, no entanto, ele unicamente “através do saber da compaixão”, mas jamais aparece como doador da compaixão, então achou o patrono de Bayreuth, que agora já trouxe vítimas suficientes para a coisa sagrada, que imitar é o melhor exemplo do mestre. Com uma gigantesca compaixão para o infeliz, a causa da pobreza e bem-estar de Bayreuth permanece fechada, com os bolsos das calças firmemente abotoados se distancia o patrono.

A tendência da escola wagneriana com seu mestre apenas de passagem como o grande poeta e compositor, principalmente como o iluminador da humanidade, colocado como profeta salvador, nos últimos anos alcançou o seu apogeu. Dois artigos de Richard Wagner, “Religião e arte” e “Conheça a si mesmo”, desencadeou um tontear da admiração no campo wagneriano e colocaria a constante “Revista Bayreuth” como dogma interpretado e pregado. Nós queremos discutir amplamente e, provavelmente, pôr de lado o panfleto, o afetado etilo enunciado⁷ para a proteção de animais e o agitar a perseguição dos judeus, que aqui não daremos atenção. Os verdadeiros amigos de Wagner deveriam insistentemente dissuadi-lo dessa publicação – mas Deus precisamente não tem nenhum amigo, e sim adoradores. Devemos mencionar aqui dois livros em sua tendência com o Wagner religioso e as ideias de reforma política para fazer parte da sua mais

⁵ O autor utiliza “genialer Findexhand” como um gênio que encontra o item que falta. (N.T.)

⁶ O autor faz uso de “Grünzeug” no sentido de saladas e legumes ou ervas para decoração de prato. (N.T.)

⁷ O autor utiliza o vocábulo “orakelndem”, isto é, enunciado do oráculo. (N.T.)

nova paixão. Um desses trabalhos habitualmente pouco conhecido é “Thalysia ou a salvação da humanidade” de A. Gleizès⁸ que prega a “dieta do não derramamento de sangue como a necessidade e condição para a saúde e para a beleza do espírito e do corpo”, o outro, “Sobre a desigualdade das raças” de Grafen Gobineau⁹, é uma continuação do pessimismo de Schopenhauer e constatado finalmente depois em uma revista de todas as raças, “a rápida queda e a solidificação do mundo ocidental”. Dificilmente Wagner colocou ambos os livros em proteção, então jurou também para todos os wagnerianos sobre Gleizès e Gobineau, celebrando na “Revista Bayreuth” a pré-canonização desses próximos santos por Richard Wagner, como o grande ato redentor do mestre. “Com o coração puro e visão clara de gênio”, escreve a “Revista Bayreuth”, “Wagner recorreu a essa teoria (de Gleizès) e com a coragem impávida e consciência de um *reformador*, como quando o conheci no campo da arte, ele pronunciou também aqui a grande contrassenha para a reforma da sociedade e da vida na terra (!)”. Em um longo e afetado ensaio, “Luther e os camponeses” (no último fascículo de Abril), colocara, “a obra de Bayreuth” quase o ato de Lutero na página. “Quem aceitaria por completo a seriedade”, quer dizer, “com o melhor e mais profundo sentimento, que obra de Wagner despertou nele a apresentação mais nobre, assim, ele poderia imediatamente tornar-se impossível, além disso, o único aparentemente diferente, no sentido mais profundo, participou do homicídio do cotidiano da vida e, portanto, cúmplice da grande mentira da atual civilização”. No sempre exagerado tom de pregador apresentou essas bobagens, o mais próximo da exibição de “Parsifal”. Com uma citação de “Parsifal” é feito até a *guerra* impossível, posto que em um ensaio “Para a filosofia do militarismo” com o “*aviso cristão*” adornado de Gurnemanz: “Rápido as armas! Não, o senhor está doente, hoje todos defendem seu santo sangue do pecado do mundo para a penitência oferecida”. Também deve ser algo novo e grande que Wagner declarou a guerra para a desgraça!

O leitor deve ter apreendido nestes poucos exemplos, como o mais novo tom exagerado cristão-religioso de Wagner que nas folhas foi enunciado e continuamente aumentado. O envelhecido Wagner tem com o “suspiro, que nós ouvimos na cruz do calvário e produzimos agora fora de nossa própria alma”, a palavra dada e, imediatamente, nós vemos os jovens repetir a oração. “Nossas folhas” diz Wolzogen em um artigo de ano novo, “devem permanecer também a aparência do sinal na união, que nesta expressão, na confissão um *religioso* achou a convicção”. Cristão e cristianismo são apenas duas palavras: o fanfarrão público e o produzir banheiro com mentalidade vaga cristã e repugnante¹⁰.

E a música? Nós ouvimos um leitor impaciente perguntar. Tocar não tem absolutamente nada de relevância na revista de Wagner? Em todo o caso, mais um subordinado. Completamente, Wagner irônico-presunçoso falou as palavras: “*Eu não sou um músico*” e ao mesmo tempo seguro, ele viu toda a nossa essência da música mais cedo ou mais tarde desaparecer da terra – desde então, permitiu aparecer por completo o inconveniente wagneriano, elevar a música para produzir. E tem também a mesma coisa em um fascículo da “Revista Bayreuth”, este mais novo, “Cartas abertas” que Richard Wagner trouxe para o senhor Friedrich Schoen em Worms, se um funcionário rastejante achou, com isso regozijou, pois Wagner pronunciou finalmente em “Para a salvação da arte”, que ele não era músico!¹¹

⁸ Jean-Antoine Gleizès (1773-1843) – Escritor francês. (N.T.)

⁹ Arthur de Gobineau (1816-1882) – Escritor francês. (N.T.)

¹⁰ Em uma alusão a “Parsifal” em um artigo de fundo da “Revista Bayreuth”, entre outras coisas diz: “A bandeira vitoriosa é a fé reforçada na consciência do verdadeiro religioso na interpretação do enigma do mundo. Esta bandeira nós mesmo devemos vencer, como Parsifal vence a lança. O enigma dito revela o sofrimento: o fim é o ato. Quem acredita no ato, não nos inveja a palavra”. E quem entende nos coloca para, além disso, não invejarmos a felicidade.

¹¹ Uma bela passagem na carta de M. Hauptmann a Spohr diz: “Se diz sorte, que ele, quando compor uma ópera,

Os ensaios musicais são escassos, aliás, desinteressantes. O senhor H. Porges ainda mastiga a sua rinação do artigo sobre o ensaio para “O Anel do Nibelungo” no ano de 1876. Ele contou-nos cada compasso, que observação fez Wagner naquele tempo na orquestra, geralmente coisas óbvias. Por exemplo: “Com ênfase exigiu o mestre que subisse as figuras graves (notas tocadas) com mais clareza audível”. Em outro tema (notas tocadas) chama ele: “Com mais consciência para tocar!” E assim cada palavra é entregue respeitosamente a posteridade. Em outro ensaio “Arte e ciência” em que o tratamento negligenciado na música por partes dos esteticistas apresentou queixas, ofereceu-nos um divertido exemplo de ignorância o redator da “Revista Bayreuth”. A redação fez, a saber, para cada queixa uma observação trocista. “O esteticista clássico da idade moderna, Vischer, como se sabe, iniciou tão pouco com a música que, se viu envergonhado e forçado a se juntar a madrastra com o senhor Hanslick, com essa autoridade moderna no campo do musicólogo, o capítulo sobre a música elaborou no seu lugar o que, no entanto, um magnífico Homunkulus¹² de Viena retorna entre o parágrafo erudito do grande conhecedor de Fausto incorporado”. O senhor de Bayreuth prova com isso apenas que o sexto volume da estética de Vischer (publicado em 1857) e nunca visto, é dito explicitamente no prefácio, que o professor Karl Köstlin em Tübingen escreveu a parte musical em acordo com Vischer. Assim, por vinte e sete anos sabe cada homem que se preocupa com a estética, de quem derivou a parte musical da grande obra vischeriana, apenas o principal órgão wagneriano ainda não sabe disso hoje. O “mestre” descreveu agora para mim como o funcionário Vischer e os seus órgãos bastaram para caluniar seu trabalho monumental para sempre.

O mais divertido para encerrar. O senhor Joseph Rubinstein fez o mesmo nome para si com a degradação de Robert Schumann, publicou na “Revista Bayreuth” um ensaio sobre “Sinfonia e drama”, o resultado é, por conseguinte: “Se deve, tendo em vista, depois do beethovenianismo a tentativa da espécie absoluta sinfônica e o último verdadeiro sinfônico, tal como o solene Beethoven para a sepultura, então deve ser reconhecido que toda propriedade essencial musical nessa espécie música-drama, celebra igualmente sua ressurreição, e isso, embora num sentido real, aparece igualmente em forma transfigurada”. Por conseguinte, as sinfonias de Schubert, Mendelssohn, Schumann, Brahms: a queda de todo trabalho supérfluo; depois de Beethoven vem como sinfônico apenas Richard Wagner. A orquestração em “Tristão” e “Nibelungo” substituiu-nos completamente e transfigurou a forma de sinfonia que foi enterrada com Beethoven.

É provar que a “Revista Bayreuth” para muita honra ou para muita injustiça, queria se manter para a literatura clínica do paradoxismo de Wagner. Em numerosos, por vezes certos livros estranhos e brochuras vem urgente à tona, o que dominou a crônica. O leitor, sem preconceito, pode agora adicionar para si mesmo os itens e julgar se o presente da Wagner-deificação, depois da forma e do conteúdo, pode ser contabilizado ou não para a epidemia do espírito doente.

Setembro de 1882.

esquecido de toda a procura, que ele era músico, então ele é precisamente tal onde ele é bem-sucedido, esquecido, isolado. Algo semelhante à sorte, Wagner também tem a intensão. Também uma semelhança presunçosa. Não há presunção como prefácio aos seus amigos antes da impressão de seus três libretos. Uma pequena dubiedade pode sempre estar lá, que aqueles, que *queriam fazer* não independente ou como ela é chamada, ‘música absoluta’, também nunca mostraram que ela *poderia* ser feita. Rafael nunca esqueceu bem quem foi Maler. Como pode também se esquecer, como se é!”

¹² Homunkulus – para designar seres humanos criados artificialmente. (N.T.)

Referências

HANSLICK, Eduard. (1972). *Wagner-Kultus*. In: *Musik-Kritiken*. Leipzig: Verlag Philipp Reclam.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. (1980) *Sämtliche Werke – Kritische Studienausgabe – Band 5*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG.

._____. (1980). *Sämtliche Werke – Kritische Studienausgabe – Band 11*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG.

SCHOPENHAUER, Arthur. (1962). *Sämtliche Werke – Band III: Kleinere Schriften*. Stuttgart/Frankfurt am Main: Cotta-Insel.

Artigo recebido em: 07 de maio de 2019

Artigo aceito em: 01 de julho de 2019